

SÃO PAULO POR DENTRO: O TAMANHO DA MÁQUINA EDUCACIONAL

2A.1 — ANATOMIA DO SISTEMA

Série: *Caderno da Inteligência Educacional Brasileira*

Relatório nº 2A — São Paulo — Camada profunda

Documento de inteligência educacional

Leitura: aproximadamente 7 minutos

Documento vivo

“São Paulo não possui simplesmente uma “rede de ensino”.



Possui um **sistema educacional territorialmente gigantesco**, formado por diferentes dependências administrativas, etapas, modalidades, redes e responsabilidades.

O primeiro cuidado da Inteligência Educacional Brasileira é, portanto, **não misturar grandezas diferentes**.

No panorama produzido pelo MEC com base no Censo Escolar 2024, a rede pública paulista reunia **7.458.847 matrículas, 18.769 escolas e 352.591 docentes**.

Esses números não representam apenas uma estatística. Eles revelam a escala da infraestrutura humana e física necessária para manter o direito à educação funcionando.

O território paulista possui **645 municípios**. Dentro dele coexistem a rede estadual, redes municipais, rede federal e rede privada, além das instituições de educação superior.

A rede estadual, por sua vez, constitui uma estrutura própria. As metas oficiais de 2025 estabeleciam **3,3 milhões de matrículas no ensino fundamental e médio da rede estadual**, além de metas específicas para frequência, permanência e educação integral.

QUADRO — A primeira anatomia

Grandeza	São Paulo
Municípios	645
Matrículas públicas — Censo 2024	7.458.847
Escolas públicas — Censo 2024	18.769
Docentes na rede pública — Censo 2024	352.591
Meta de matrículas EF + EM da rede estadual — 2025	3.300.000

Fonte: Inep/MEC; Governo do Estado de São Paulo.

O que esse quadro nos diz?

A pergunta correta deixa de ser:

“Quantos alunos existem em São Paulo?”

e passa a ser:

“Como esses milhões de estudantes são distribuídos pelo território, pelas redes, pelas etapas, pelas escolas e pelos profissionais que os atendem?”

É essa pergunta que abre a camada profunda.

Fonte de dados: [Censo Escolar — Inep/MEC](#) e [Dados Abertos da Educação de São Paulo](#).

QUEM ESTUDA EM SÃO PAULO?

A matrícula é o primeiro retrato do estudante dentro do sistema. Mas é apenas o começo.

O Censo Escolar registra estudantes, estabelecimentos, turmas, gestores e profissionais escolares. Sua primeira etapa constitui justamente a fotografia estrutural da educação básica.

No caso paulista, o panorama oficial do MEC registrou **7,46 milhões de matrículas na rede pública** em 2024.

Mas a camada profunda exige que esse total seja desmontado.

A anatomia necessária

Estudante → etapa → modalidade → rede → município → escola → turma

É somente nessa sequência que conseguimos enxergar onde está a demanda educacional.

O próprio Estado disponibiliza microdados de matrícula com informações por ano, série, idade, sexo, raça/cor, rendimento e outras características. A base estadual cobre séries históricas extensas e, atualmente, disponibiliza dados até 2025.

UMA PRIMEIRA CHAVE: O ENSINO TÉCNICO

Aqui aparece uma transformação importante.

Segundo a Seduc-SP, considerando as redes envolvidas, o Ensino Médio Técnico passou de **136,8 mil estudantes em 2023** para **184,8 mil em 2024** e **268,3 mil em 2025**.

Isso representa uma mudança de escala extraordinária em apenas dois anos.

Expansão do ensino médio técnico

Estudantes matriculados no Ensino Médio Técnico em São Paulo, considerando ambas as redes, segundo dados divulgados pela Seduc-SP.

Fonte: Secretaria da Educação do Estado de São Paulo.

A pergunta da IE.Br não é se a expansão é boa ou ruim.

É:

Quem são esses estudantes? Onde estão? Que escolas oferecem essa formação? Quais professores a sustentam? Quanto custa? E qual é o resultado educacional e profissional dessa escolha?

Essa é a passagem da estatística para a inteligência.

Caderno da Inteligência Educacional Brasileira

IE.Br ©2026 *AEscolaLegal* – Revista de Educação Ampla

2A.3 — QUEM ENSINA

Série: *Caderno da Inteligência Educacional Brasileira*

Relatório nº 2A — São Paulo — Camada profunda

Documento de inteligência educacional

Leitura: aproximadamente 7 minutos

Documento vivo

QUEM ENSINA EM SÃO PAULO?

Aqui encontramos um dos pontos mais importantes do Relatório 2A.

352.591 docentes não podem ser tratados como uma única categoria.

O número corresponde ao conjunto de docentes da rede pública paulista apresentado no panorama do MEC com base no Censo Escolar 2024.

Para a Inteligência Educacional Brasileira, esse número é apenas a **porta de entrada**.

Precisamos saber:

- quantos pertencem à rede estadual;
- quantos às redes municipais;
- quantos à rede federal;
- quantos são efetivos;
- quantos são estáveis;
- quantos são contratados;
- quantos trabalham como eventuais;
- quantos são PEB I e PEB II;
- quantos estão readaptados;
- quantos possuem jornada parcial ou múltipla;
- quantos acumulam vínculos;
- qual é a idade média;
- qual é a remuneração;
- quanto tempo permanecem na profissão.

A própria política de dados abertos da Seduc-SP prevê a publicação de bases sobre **escolas, matrículas, desempenho e recursos humanos**, permitindo aprofundar essa investigação.

O professor não é uma unidade estatística

O professor é o **ponto humano de contato entre a política educacional e o estudante.**

Por isso, o eixo docente precisa cruzar:

vínculo + remuneração + jornada + formação + permanência + condições de trabalho + número de estudantes atendidos.

Somente depois poderemos responder à pergunta que interessa:

Que força de trabalho sustenta a educação paulista?

E aqui fica estabelecido um princípio editorial do 2A:

não confundiremos “número de docentes” com “força de trabalho efetivamente disponível”.

Um professor pode aparecer no sistema, mas isso não significa necessariamente uma unidade de trabalho equivalente a outra.

Essa diferença será dissecada na próxima etapa.

Fonte: [Plano de Dados Abertos da Educação de São Paulo 2025–2027.](#)

Caderno da Inteligência Educacional Brasileira

IE.Br ©2026 *AEscolaLegal* – Revista de Educação Ampla

2A.4 — QUEM ADMINISTRA

Série: *Caderno da Inteligência Educacional Brasileira*

Relatório nº 2A — São Paulo — Camada profunda

Documento de inteligência educacional

Leitura: aproximadamente 7 minutos

Documento vivo

QUEM DECIDE ONDE O ESTUDANTE ESTUDA?

São Paulo possui uma característica que frequentemente desaparece quando olhamos apenas para o número total de matrículas:

a educação está distribuída entre diferentes responsáveis.

A escola pode pertencer à rede estadual, municipal, federal ou privada. A etapa oferecida muda. A responsabilidade administrativa muda. O financiamento muda. A carreira dos profissionais muda.

Portanto:

rede ≠ escola ≠ município ≠ Estado.

O Censo Escolar coleta justamente informações sobre estabelecimentos, gestores, turmas, estudantes e profissionais.

No território paulista, isso produz uma arquitetura administrativa extremamente complexa.

O mapa de responsabilidade

Pergunta	Responsável principal a investigar
Educação Infantil	Município / privada
Ensino Fundamental	Município + Estado
Ensino Médio	Estado + privada + outras redes
Educação profissional	Estado + municípios + federal + privada
EJA	diferentes redes
Educação Especial	todas as redes
Ensino superior público estadual	USP, Unicamp e Unesp
Ensino superior federal	União
Não basta perguntar “ quanto São Paulo gasta com educação? ”	

Precisamos perguntar:

Quem administra cada pedaço do sistema?

A resposta muda completamente a leitura do orçamento, dos professores e dos resultados.

UM SISTEMA FRAGMENTADO — MAS INTERDEPENDENTE

A fragmentação administrativa não significa necessariamente desorganização.

Pode significar **divisão constitucional de responsabilidades**.

O problema aparece quando o estudante percorre uma trajetória que atravessa diferentes redes e ninguém acompanha integralmente essa trajetória.

É por isso que a IE.Br propõe acompanhar o estudante como fio condutor:

casa → território → escola → etapa → professor → aprendizagem → próxima etapa.

Essa será uma das bases cartográficas do 2A.

Caderno da Inteligência Educacional Brasileira

IE.Br ©2026 *AEscolaLegal* – Revista de Educação Ampla

2A.5 — QUANTO CUSTA

Série: *Caderno da Inteligência Educacional Brasileira*

Relatório nº 2A — São Paulo — Camada profunda

Documento de inteligência educacional

Leitura: aproximadamente 7 minutos

Documento vivo

QUANTO CUSTA EDUCAR SÃO PAULO?

Aqui precisamos ser rigorosos.

Não vamos produzir um número único chamado “custo da educação paulista” sem separar:

União + Estado + municípios + famílias + setor privado.

O financiamento educacional é distribuído entre diferentes níveis de governo e diferentes redes.

Além disso, uma escola não custa apenas o salário do professor.

Existe:

- pessoal;
- alimentação;
- transporte;
- prédios;
- manutenção;
- tecnologia;

- material didático;
- energia;
- água;
- segurança;
- formação;
- gestão;
- equipamentos;
- programas específicos.

O primeiro princípio financeiro do 2A

Despesa não é custo por estudante.

Para chegarmos ao custo educacional real, teremos de cruzar:

despesa executada ÷ estudantes atendidos

e, depois, separar:

peçoal + custeio + investimento + programas específicos.

O Estado de São Paulo, por exemplo, registrou metas específicas para frequência, permanência, ensino integral e matrículas na rede estadual em sua programação oficial de 2025.

Mas a pergunta da IE.Br será mais profunda:

Quanto dinheiro chega efetivamente à escola para produzir educação?

E ainda:

Quanto custa manter um estudante em cada etapa e em cada território?

A equação que vamos construir

Quem estuda

↓

onde estuda

↓

quem ensina

↓

quanto custa

↓

quem paga



o que recebe



o que entrega

Essa é a espinha dorsal econômica da Inteligência Educacional Brasileira.

Caderno da Inteligência Educacional Brasileira

IE.Br ©2026 *AEscolaLegal* – Revista de Educação Ampla

2A.6 — ONDE ESTÃO AS DESIGUALDADES

Série: *Caderno da Inteligência Educacional Brasileira*

Relatório nº 2A — São Paulo — Camada profunda

Documento de inteligência educacional

Leitura: aproximadamente 7 minutos

Documento vivo

SÃO PAULO NÃO É UM ÚNICO TERRITÓRIO EDUCACIONAL

O maior risco de analisar São Paulo pela média estadual é esconder o próprio São Paulo.

O Estado possui **645 municípios**.

Entre eles existem municípios metropolitanos densamente povoados, cidades médias, pequenos municípios, territórios rurais e regiões com diferentes condições socioeconômicas e educacionais.

A média estadual pode, portanto, ser simultaneamente verdadeira e insuficiente.

A desigualdade começa antes da escola

Para a IE.Br, precisamos mapear:

população → renda → território → transporte → escola → matrícula → frequência → aprendizagem.

A infraestrutura também entra nessa equação.

Um exemplo recente é a conectividade: a Seduc informa que **98,5% das escolas estaduais estavam conectadas à internet em 2025**, contra 76% em 2019. O investimento estadual informado para instalação e manutenção de links entre 2023 e 2025 foi de aproximadamente **R\$ 340 milhões**.

O avanço é expressivo.

Mas a inteligência não termina no percentual estadual.

Precisamos perguntar:

Quais escolas ainda estão fora?

E:

Onde estão essas escolas?

A desigualdade que interessa

A IE.Br não pretende produzir um ranking simplista de “municípios bons” e “municípios ruins”.

Queremos descobrir **padrões territoriais**.

Por isso, o próximo mapa deverá cruzar os 645 municípios com:

- matrículas;
- escolas;
- docentes;
- renda;
- população;
- transporte;
- infraestrutura;
- desempenho;
- abandono;
- distorção idade-série;
- oferta de educação profissional;
- tempo integral.

É aqui que o **mapa sistêmico** começa a substituir a simples tabela.

Caderno da Inteligência Educacional Brasileira

IE.Br ©2026 *AEscolaLegal* – Revista de Educação Ampla

2A.7 — O QUE O SISTEMA ENTREGA

Série: *Caderno da Inteligência Educacional Brasileira*

Relatório nº 2A — São Paulo — Camada profunda

Documento de inteligência educacional

Leitura: aproximadamente 7 minutos

Documento vivo

EDUCAÇÃO NÃO É UMA FÁBRICA DE MATRÍCULAS

Depois de descobrir quem estuda, onde estuda, quem ensina, quem administra, quanto custa e onde estão as desigualdades, chegamos à pergunta mais difícil:

O QUE O SISTEMA ENTREGA?

O estudante não entra no sistema educacional para produzir uma matrícula.

Ele entra para aprender.

Portanto, a análise final precisa cruzar:

acesso + permanência + aprendizagem + conclusão + continuidade.

Os dados oficiais de São Paulo já permitem acompanhar parte dessa trajetória.

No panorama do MEC baseado no Censo Escolar 2024, por exemplo, a rede pública paulista apresentava taxas de transição distintas entre etapas: nos anos iniciais, promoção de **98,1%**; nos anos finais, **95,9%**; e no ensino médio, **89,5%**, enquanto a evasão no ensino médio aparecia em **7,4%** naquele indicador de transição.

Esses números não são apenas indicadores escolares.

Eles mostram **pontos de ruptura da trajetória educacional.**

A pergunta muda

Não queremos saber somente:

“Quantos passaram?”

Queremos saber:

Quem não passou?

Quem abandonou?

Quem ficou para trás?

Quem aprendeu?

Quem chegou ao ensino médio?

Quem concluiu?

Quem continuou estudando?

E finalmente:

O que o sistema entregou a esse estudante depois de tantos anos e tantos recursos públicos?

A equação final do 2A

ENTRADA

estudante + território + recursos

↓

PROCESSO

escola + professor + gestão + currículo + permanência

↓

RESULTADO

aprendizagem + conclusão + continuidade

↓

IMPACTO

vida + trabalho + cidadania + ciência + cultura

Essa é a passagem decisiva da estatística para a **Inteligência Educacional Brasileira**.

O fechamento da primeira camada profunda

Com esses sete publicáveis, temos a espinha dorsal:

- 2A.1 — tamanho do sistema
- 2A.2 — estudante
- 2A.3 — professor
- 2A.4 — administração
- 2A.5 — dinheiro
- 2A.6 — território/desigualdade
- 2A.7 — entrega/resultado

E há uma decisão editorial que considero **muito acertada para a revista**: não fingir que já temos todos os números apenas para preencher tabelas.

O **2A.1–2A.7** passa a ser a **arquitetura investigativa**, enquanto a próxima remessa pode entrar como “**camada de dados**”, com os **645 municípios, rede por rede, etapa por etapa, docentes por vínculo, séries históricas, orçamento, gráficos e mapas**.

O Estado de São Paulo já mantém um portal de Dados Abertos e seu Plano de Dados Abertos prevê justamente bases de escolas, matrículas, desempenho e recursos humanos.

É aí que eu colocaria a nossa “camada profunda de verdade”: não mais apenas São Paulo visto de cima, mas São Paulo dissecado município por município.

Caderno da Inteligência Educacional Brasileira

IE.Br ©2026 *AEscolaLegal* – Revista de Educação Ampla